

RELATO

As Crianças Portadoras de Deficiência Visual e o Encontro com a Literatura Infantil

Sandra Maria Castiel Fernandes

Iniciei com as crianças do Instituto Benjamin Constant, há cerca de dois anos, um trabalho no âmbito da literatura infantil. Constatei que, a exemplo do que ocorre em grande parte de escolas e lares brasileiros, o texto literário, seja em prosa ou em verso, não faz parte do cotidiano da maioria das crianças e jovens que freqüentam a Instituição. Atribuir esse estado de coisas à crise por que passa a educação no país e a outros fatores que acabam por distanciar do livro a criança e o jovem, reporta-nos a uma espécie de justificativa para não lutar contra isto.

Não obstante a pouca idade da literatura infantil brasileira, pode-se constatar o elevado índice de publicações de livros destinados à criança. Nas páginas de alguns autores transparece o respeito pelo universo infantil, através de uma abordagem inteligente, poética, cuidadosa. Algumas editoras oferecem propostas inovadoras, não apenas na originalidade dos temas, mas, principalmente, no que se refere a uma arte gráfica cada vez mais apurada: o apelo visual das recentes produções de livros infantis é fortíssimo. Algumas obras são tão ricas na composição das ilustrações que propiciam à criança várias possibilidades de leitura, além do texto.

Preocupada em despertar a criança para o prazer da leitura, a escola de qualidade possibilita-lhe a escolha do livro que deseja conhecer, tocar, ler. Essa escolha certamente ocorre em função de um critério pessoal de opção: título, capa, formato, tema, composição gráfica, textura, cores etc. Qualquer um desses componentes (ou todos eles) pode contribuir para essa escolha. Após as leituras individuais, seguem-se os comentários, a troca com os colegas, os desenhos, os jogos dramáticos, enfim, várias atividades que a professora pode orientar para melhor aproveitar os momentos destinados ao lúdico e ao prazer do encontro com o texto literário.

Quando me propus a trabalhar com crianças portadoras de deficiência visual, estava consciente do grande desafio que teria pela frente. A deficiência delas, sobretudo a daquelas em processo de alfabetização, as impede de poder escolher o que ler ou o que ouvir, em se tratando de textos literários. Há que se considerar, também, o reduzido número de títulos transcritos para o Sistema Braille. E aqui chegando, o que encontramos? Crianças ávidas de emoção e movimento, mas, também, crianças apáticas, aparentemente alheias aos apelos externos. Diante disto, iniciamos um processo de busca de conhecimento para novas ações, novas práticas que, numa perspectiva dialética, nos ajudassem a construir um conhecimento voltado a promover o encontro dessas crianças com a emoção do texto poético.

Nos primeiros encontros percebi que ler para eles em voz alta alguns dos interessantes e modernos textos que selecionara não era suficiente para mobilizar a sua atenção. A história parecia empobrecida sem a riqueza da linguagem gráfica, imperceptível à criança cega. Senti a necessidade de uma preparação capaz de apresentar-lhes o tipo estruturalmente mais abstrato de leitura: precisava despertar as crianças para o prazer de ouvir histórias. E assim, de modo intuitivo, comecei uma narrativa tradicional, com início, meio e fim, colhida de minha infância e que sempre fez muito sucesso entre as crianças. “Era uma vez uma velha muito gulosa chamada Firinfínelia, que morava numa casinha no meio da floresta. Ela fazia muitos doces, mas não repartia nada com ninguém. Até que um dia, atraído pelo cheiro de doce de banana, apareceu o macaco Simão.”

A resposta foi imediata – acertara o caminho. A partir daí, explorei com as crianças todos os contos populares que consegui pesquisar. Cada história selecionada era devidamente adaptada para o público-alvo. Enfatizava aspectos relativos às sensações que fizessem parte de suas referências sobre o mundo, como odores, impressões táteis, sabores etc.

O universo de Monteiro Lobato, presente nas histórias do Sítio do Pica-Pau Amarelo, passou a ser uma exigência das crianças na Hora da História na Biblioteca Infantil. Personagens do folclore brasileiro trazidos por Lobato, como o Saci, a Mula Sem-Cabeça e o Lobisomem, alternavam-se com as histórias de princesas, fadas e bruxas dos clássicos infantis. Enfim, chegávamos à porta de entrada para a moderna literatura infantil.

Hoje, além de optar pelo tipo de leitura que deseja fazer, a criança que freqüenta a Biblioteca Infantil mostra-se receptiva e interessada nas tradições e lendas do nosso país. Foi assim,

contando histórias que chegamos à formação do auto popular Boi-Bumbá, com a participação espontânea de quarenta alunos de diversas faixas etárias. Entusiasmados, esses alunos aprenderam a cantar as toadas levadas pelos pioneiros nordestinos à Amazônia e a dançar ao ritmo dos tambores africanos.

“Entrou por uma perna de pato,
Saiu por uma perna de pinto,
El-rei meu senhor mandou
que vos contasse mais cinco...”

Sandra Maria Castiel Fernandes é professora de Literatura Infantil do Instituto Benjamin Constant.